



EMPURRE



“A senhora ministra é que tem de decidir se o Governo quer fazer um esforço para que possa haver um acordo, ou não”

MÁRIO MOURÃO
Secretário-geral da UGT explica que, tal como está, o pacote laboral não é aceitável pelos trabalhadores

Mário Mourão Imune à pressão

Após nove meses e mais de 200 horas de negociações, Governo e patrões não conseguiram demover a UGT, que chumbou a proposta de alteração à lei laboral

— POR MANUEL BARROS MOURA

Ocupa há meses uma posição central nos panoramas laboral e político portugueses. Poucos, como ele, carregam tamanha responsabilidade nos ombros. É para o líder da União Geral de Trabalhadores (UGT) que todos olham quando em cima da mesa está a

discussão da proposta de alteração à lei laboral que o Governo apresentou há cerca de nove meses, mas para a qual continua a não haver acordo em sede de Concertação Social, condição imposta, durante a campanha eleitoral, pelo atual Presidente da República para não exercer o seu poder de veto. Irredu-

tível, aparentemente imune às pressões para assinar um acordo, mas respaldado pela unanimidade do secretariado geral da central sindical que lidera, Mário Mourão anunciou na quinta-feira, 23, o chumbo da UGT ao chamado pacote laboral, obrigando, mais uma vez, o Governo a refletir na melhor estratégia a

seguir daqui para a frente: se reabrir negociações com os representantes dos trabalhadores ou avançar definitivamente para a Assembleia da República, onde, sem o apoio do PS, só com os votos do Chega, conseguirá levar a sua adiante.

Natural do norte e com uma longa carreira no setor

bancário, Mário Mourão tem vasto currículo nas lides sindicais. Antes de chegar à liderança da UGT, presidiu o Sindicato dos Bancários do Norte, onde se destacou pela capacidade de negociação em processos complexos de reestruturação do setor financeiro. A sua eleição, em 2022, no XIV Congresso da UGT, sucedendo a Carlos Silva, foi vista como uma aposta na continuidade da “paz social”, mas com um toque de pragmatismo renovado. Membro e ex-deputado do Partido Socialista (recentemente eleito para a Comissão Política Nacional na lista única de José Luís Carneiro), Mourão nunca escondeu a sua matriz ideológica, mas defendeu afincadamente ao longo dos anos a independência da central sindical face ao poder político quando os direitos dos trabalhadores estão em jogo.

É no respeito a essa postura que o secretário-geral da UGT anunciou, na quinta-feira, 23, o chumbo à última versão da proposta governamental, reafirmando como linhas vermelhas da central sindical as questões do “outsourcing, do banco de horas, da jornada contínua, da remissão abdicativa e a não reintegração do trabalhador tendo sido despedido ilicitamente”. Criticando a falta de garantias e de avanços reais em matérias estruturais para os trabalhadores, afirmou que a UGT se mantém “disponível para o diálogo, mas não para assinar cheques em branco”. De acordo com Mário Mourão, “a UGT espera que o Governo diga se quer continuar a fazer um esforço para que possa haver um acordo, ou não. Ou considerar que encerra aqui a discussão. Isso agora é a senhora ministra [do Trabalho] que tem de decidir”.

“ÚLTIMO ESFORÇO”

Depois de várias ocasiões em que ameaçou terminar as negociações e avançar com a discussão da proposta do Governo na Assembleia da República, a ministra do Trabalho, Maria do Rosário Palma Ramalho, veio pedir a todos “um último esforço” e estabelecer um novo “tempo de reflexão”, tendo marcado para o próximo dia 7 de maio uma nova reunião da comissão permanente da Concertação Social, na espera uma postura diferente da UGT que, nas suas palavras, “terá de mostrar que quer efetivamente uma aproximação”. Palavras que vão de encontro às de Luís Montenegro, quando o primeiro-ministro acusa da UGT de ser “o único parceiro social que ainda não cedeu” e que a posição da central sindical “não pode ser de intransigência total”. Segundo Luís Montenegro, “são seis pontos que ainda não mereceram consensualização. Alguns terão uma resolução relativamente fácil. Dois ou três carecem de uma afinação. Estamos a falar, sobretudo, do outsourcing e do banco de horas.”

Resta saber se as duas semanas de “tempo de reflexão” que o Governo deu aos sindicatos, durante as quais vai celebrar mais um Dia do Trabalhador, servirão para convencer a UGT a mudar de opinião ou, se pelo contrário, as celebrações do 1º de Maio levarão os trabalhadores a mostrar, nas ruas, que o único caminho que resta àquela central sindical é o de manter o chumbo ao pacote laboral, obrigando o Governo a recorrer ao apoio do Chega no caso de querer levar por diante as alterações à Lei do Trabalho. E iniciar, dessa forma, aquele que pode vir a ser o primeiro braço de ferro com António Jose Seguro.

Carlos Queiroz O senhor Mundiais

É um autêntico globetrotter do futebol mundial. Já treinou equipas em quatro continentes e, aos 73 anos, vai tornar-se o segundo treinador com mais presenças no Campeonato do Mundo de Futebol. Depois de representar Portugal em 2010, na África do Sul, e o Irão nas edições de 2014 (Brasil), 2018 (Rússia) e 2022 (Catar), Carlos Queiroz vai regressar à maior competição futebolística de seleções, desta vez no Mundial dos EUA, Canadá e México, ao serviço do Gana. Ao todo, o treinador português que começou por dar nas vistas ao levar Portugal à conquista de dois títulos mundiais sub-20 (1989 e 1991) passará a somar cinco presenças consecutivas em fases finais de Mundiais, igualando o feito do sérvio Bora Milutinovic que, entre 1986 e 2002, orientou, consecutivamente, México, Costa Rica, EUA, Nigéria e China, respetivamente, nos Mundiais de México (1986), Itália (1990), Estados Unidos (1994), França (1998) e Coreia/Japão (2002). Melhor currículo do que estes dois *tratumundos*, só o do brasileiro Carlos Alberto Parreira, que acumulou seis presenças em fases finais, uma das quais, a de 1994, coroada com a conquista do título mundial pelo Brasil, depois de uma final ganha nos penáltis contra Itália, no Estádio Rose Bowl, em Pasadena, Califórnia. Antes disso, orientara o Kuwait no Mundial de 1982, em Espanha, e os Emirados Árabes Unidos em 1990, em Itália. Voltou a orientar o Brasil em 2006, na Alemanha, e encerrou as suas presenças em Mundiais na África do Sul, em 2010, aos comandos da equipa da casa.

Durante a cerimónia de apresentação como novo selecionador do Gana, na sexta-feira, 24, Carlos Queiroz não escondeu a ambição: “Este é o maior desafio da minha carreira, e estou preparado para isso. Trago 40 anos de experiência para cada decisão que vai ser tomada. Acredito que com o apoio do meu *staff*, da federação, dos adeptos e do país, com coesão e ambição, podemos trazer sucesso”, começou por dizer o técnico que soma, ao todo, 235 jogos e 127 vitórias ao serviço de seleções distribuídas pelo globo: Portugal, Emirados Árabes Unidos, África do Sul, Colômbia, Egito, Irão, Catar e Omã. Isto já para não falar dos anos em que foi treinador principal do Sporting, do Metro Stars, do Nagoya Grampus e do Real Madrid e treinador-adjunto do Manchester United. Apesar de nem sempre bem-sucedido, a verdade é que o português tem um currículo invejável. E acredita no sucesso, tanto que se diz pronto para ficar “o resto da vida” no

